



UNIVERSIDADE  
E D U A R D O  
MONDLANE

**Faculdade de Letras e Ciências Sociais**

**Departamento de História**

Licenciatura em História

Monografia

Compreensão da História dos Rituais *Kuzingula* e *Kulebela* na Comunidade Muani na  
Vila de Ibo no período de 1975 até actualidade

Fani Mussa

Maputo, Março de 2025



UNIVERSIDADE  
E D U A R D O  
MONDLANE

**Faculdade de Letras e Ciências Sociais**

**Departamento de História**

Licenciatura em História

Compreensão da História dos Rituais *Kuzingula* e *Kulebela* na Comunidade Muani na  
Vila de Ibo no período de 1975 até actualidade

Monografia apresentada em cumprimento dos requisitos para a obtenção do grau de  
Licenciatura em História

Fani Mussa

Júri de Avaliação

---

Paulo Lopes José Samboco, PhD

---

José Cláudio Mandlate, MA

Maputo, Março de 2025

## **Índice**

Declaração de Honra .....	i
Dedicatória.....	ii
Agradecimentos .....	iii
Siglas .....	v
Resumo .....	vi
1. Introdução.....	1
1.1. Estrutura do Trabalho .....	1
1.1.1. Primeiro Capítulo .....	1
1.1.2. Segundo Capítulo.....	1
1.1.3. Terceiro Capítulo .....	1
1.1.4. Quarto Capítulo .....	1
1.1.5. Quinto Capítulo.....	1
1.2. Argumento .....	1
1.3. Problematização.....	4
1.4. Objectivos.....	6
1.4.1. Objectivo Geral.....	6
1.4.2. Específicos.....	6
1.5. Justificativa.....	7
2. Revisão da Literatura .....	11
2.1 Contextualização da História dos Rituais em Moçambique.....	11
2.2. Definição de Conceitos.....	13
2.2.1. Rituais.....	13
2.2.2. Modernização .....	13
2.2.3. Tradição .....	14
3. Metodologia .....	16
3.1. Descrição do Local de Estudo Ilha do Ibo.....	16
3.2. Breve Historial de Algumas práticas e costumes da Ilha do Ibo .....	17

3.3. O processo e o impacto da Modernização dos Rituais <i>Kuzingula, Kulebela</i> na Vila de Ibo .....	19
3. 4. A compressão que a comunidade tem sobre a história desses <i>Rituais Kuzingula, Kulebela</i> na Vila de Ibo .....	22
3. 5. O Papel da Comunidade Mwani na Consolidação dos Rituais <i>Kuzingula, Kulebela</i> na Vila de Ibo. ....	26
4. Conclusão .....	29
5. Sugestões .....	30
Referências Bibliográficas.....	31

### **Declaração de Honra**

Eu, **Fani Mussa**, declaro por minha honra que este trabalho é resultado das minhas pesquisas pessoais e das orientações dos docentes, feito segundo os critérios em vigor na Universidade Eduardo Mondlane. O seu conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente indicados no texto e nas referências bibliografia. Declaro também, que este trabalho não foi apresentado de forma parcial nem na íntegra, em nenhuma instituição de ensino para obtenção de qualquer grau académico.

## **Dedicatória**

Dedico este trabalho à minha querida Mãe Bina Fani pela educação e apoio moral, que tanto me deu em vida e partiu sem poder testemunhar o sucesso do seu filho. Dedico também a minha linda e amada família que sempre esteve presente neste processo de luta em prol deste grau acadêmico.

## **Agradecimentos**

Primeiramente agradeço abundantemente a Allah o criador de todas coisas, pela oportunidade de desfrutar da vida e por me capacitar aos desafios que tenho de enfrentar durante a minha caminhada e pela protecção divina. Nunca foi fácil elaborar a monografia, mas graças ao Criador e Onipotente Allah, foi possível projectar a minha jornada estudantil e pessoal mesmo estando a enfrentar diferentes desafios e dificuldades quotidianas.

Em seguida agradeço generosamente a minha amiga, Catarina Grill, pelo seu apoio financeiro, e pela força e esforço que tanta envidou até eu ingressar na Universidade.

Agradeço incondicionalmente ao meu amigo Lourenço Armando, pelo apoio, auxílio, disponibilidade e paciência que teve desde o momento da elaboração do projecto, até a fase da monografia, pois sem sua ajuda, nada disso seria possível.

De forma especial, agradeço aos meus familiares (Mussa Mussa, Auage Abdala, Muanarabo Mussa, Ngamo Mussa, Cassamo Mussa...) pelas orações incessantes e forças em momentos de angústia, opressão, constrangimentos, desânimo, consternação, cansaços, quebranto, fadiga, pelo apoio financeiro em tempos de dificuldades económicas, dificuldades de viagens estudantis, carência material, pelo apoio psicológico em momentos de depressão, estresse, rebaixamento, pelo coragem em momentos de solidão, isolamento, exclusão social, pelo foco em momentos de desvio estudantil, perda de objectivos, falta de metas, visões, limites e pelo carinho e amor em momentos que fizeram parte da minha vida, o meu muito obrigado.

Agradeço aos docentes do Departamento de História pelos ensinamentos transmitidos, Ph.D. Marlino Mubai, MA, Luísa Chicamisse, Ph.D. Denise Maria Malauene, dr. Júlio Machel, MA. Emília Machaeie, e mais alguns que não pude aqui citar.

Aos docentes em especial vai para ao Ph.D. Paulo Lopes e MA. Cláudio Mandlate pelas correcções, revisão e auxílio da monografia, vai o meu muito obrigado. Aos meus colegas do curso de Licenciatura em História na UEM 2021-2024 pelo suporte académico, companheirismo e troca de experiência durante a jornada académica.

Agradeço há todas as pessoas que se disponibilizaram incondicionalmente para as entrevistas no momento da pesquisa, líderes, estruturas do bairro e Conselho Municipal do distrito do Ibo por terem permitido a realização deste trabalho.~

Igualmente agradeço a todos que não foram citados, que directa ou indirectamente contribuíram para que este trabalho se tornasse uma realidade, vai o meu sincero agradecimento.



**Siglas**

**UNESCO** – Organização das Nações Unidas para Educação, Ciências e Cultura.

**UEM** – Universidade Eduardo Mondlane.

## **Resumo**

No presente trabalho o objectivo geral é compreender a história dos Rituais *Kuzingula* e *Kulebela* na Comunidade Muani na Vila de Ibo no período de 1975 até actualidade, o ritual *kuzingula* é uma prática que consiste não só em fortificar a comunidade, mas também dar segurança e reconhecer a existência do poderoso Allah e pedir que continue zelando aquela comunidade com o bem-estar, segurança por outra o ritual *Kulebela* consiste na escolha de locais considerados sagrados em que a comunidade quando enfrenta algum problema seja ele, geral ou individual recorrem para fazer os seus pedidos naquele local específico a fim de atenuar as suas preocupações. Importa referir que dentro deste local sempre existe um responsável para orientar os demais sobre como fazer o pedido. A pesquisa é qualitativa. Quanto as técnicas de recolha de dados, foi usada a revisão bibliográfica. A primeira epidemia de cólera que assolou a Vila do Ibo surgiu em 1859. Com eclosão dessa epidemia, a comunidade sentiu a necessidade de praticar o ritual *Kulebela* como uma forma de pedir ao seu criador Allah que afasta-se esse mal daquela comunidade. Em 2006, Moçambique ratificou simultaneamente as Convenções de 2003 e 2005 da Unesco, denominadas Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Intangível e Convenção sobre a Protecção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais, respectivamente. Em 1988, o país elaborou Lei 10/88, que determina da protecção legal dos bens de natureza material e imaterial do património cultural moçambicano Em relação ao papel da juventude na preservação desses rituais conclui-se que a sociedade necessita do jovem para assumir acções no futuro, contudo, é preciso que ele viva o presente. Comunicar de que maneiras as pessoas devem se comportar e quais os padrões de decoro aceitáveis; chamar a atenção para o modo como os procedimentos são executados; estabelecer a maneira como as pessoas podem se divertir; liberar tensões e encorajar inovações.

**Palavras-chave:** *Tradição, ritual, kuzingula, modernização.*

## 1. Introdução

Em Moçambique, a colectividade tem sofrido transformações que se traduzem na mudança de hábitos e forma de vida. Essas transformações estão relacionadas com a história do país, em função dos contextos económicos, políticos e sociais. Em relação a estes factores, tal como refere Casimiro (2000), culminou como a desestruturação familiar na medida em que originou grandes movimentos migratórios das zonas rurais para as zonas urbanas, algo que fez com que os migrantes, longe de seus contextos de origem, fossem adoptando novas práticas de sobrevivência um pouco distantes das habituais.

Porém, no vasto leque de factores que estão por detrás das transformações sociais em curso no país, que se traduzem geralmente na mudança de hábitos e práticas sociais, destaque para aquelas que acontecem nos contextos urbanos devido a cada vez maior influência dos espaços e valores contemporâneos na construção das identidades dos indivíduos (Osório, 2008).

A luta pela independência de Moçambique, que iniciou na década de 1960, teve impactos significativos na Ilha do Ibo. A ilha serviu como um ponto estratégico ou cárcere para onde eram levados rebeldes que lutavam contra o colonialismo português, (Carrilho, 2005).

O presente trabalho de pesquisa debruça-se sobre a História dos Rituais *Kuzingula* e *Kulebela* na Comunidade Muani na Vila de Ibo no período de 1975 até actualidade.

Segundo Jamal (2013), os rituais são uma prática regular em Moçambique, mesmo sofrendo reestruturações na sua abordagem, os rituais permanecem como uma tradição enquanto entidade responsável pela preparação e condução dos indivíduos durante a vida. Na comunidade *muani* existem várias análises em torno dos rituais consequentes as transformações globais em curso resultantes do alargamento da rede escolar, a liberdade de escolha, a monetarização da prática, o diferencial etário dos cônjuges, a difusão dos meios de comunicação para mais pessoas bem como, o contacto com outros valores e realidades nos quais os indivíduos não tinham outrora.

Para Jamal (2013), explica que essas transformações concorrem para que os indivíduos estejam cada vez mais sujeitos a frequentarem múltiplos espaços de sociabilidade tais como a escola, convívio familiar, a religião, o círculo de amigos, onde provavelmente os valores seguem lógicas diferentes. Assim, suas identidades se tornam produto da combinação de valores de diferentes espaços que os *muanis* frequentam e interagem.

No entanto, o ritual *kuzingula* é uma prática que consiste não só em fortificar a comunidade, mas também dar segurança e reconhecer a existência do poderoso Allah e pedir que continue zelando aquela comunidade com o bem-estar, segurança.

Talapa (2013), as sociedades são dinâmicas e, tal como elas, os rituais também o são e como uma instituição, estes vem sofrendo transformações e reajustamentos a medida que a sociedade vai se transformando, porém, preservando a tradição. Nesta senda de ideia, interessa-nos perceber a história dos Rituais *Kuzingula* e *Kulebela* na Comunidade Muani na Vila de Ibo no período de 1975 até actualidade na medida que com o tempo algumas comunidades acabam deixando de lado esses rituais.

Turner (1974, p. 24) observa que os rituais têm um papel importante na estrutura da sociedade porque facilitam a resolução de conflitos sociais a nível local tal como entre aldeias vizinhas, neste sentido, Turner recorda que algumas sociedades através do ritual expressam a sua lógica de forma convencional e obrigatória, transmitindo os valores do grupo de geração em geração

Gennep (1978, p. 157) reforça a ideia de Turner, ao referir-se que os rituais desempenham um papel fundamental na sociedade pois enfatizam a passagem de uma fase para a outra ao longo do crescimento com vista a transformação de estatuto social dos envolvidos numa determinada fase da vida.

## **1.1. Estrutura do Trabalho**

O presente em ensaio em estudo apresenta uma estrutura, que é dividida em cinco capítulos, são discutidos os assuntos chaves que irão nortear a pesquisa, nomeadamente:

### **1.1.1. Primeiro Capítulo**

No que concerne ao primeiro capítulo, importa frisar que é no capítulo introdutório, onde são apresentados os aspectos cruciais que dão a relevância o estudo, serão apresentados aqui os objectivos da pesquisa, o problema, a justificativa, a pergunta de partida e serão definidos os rituais e sua importância para essa comunidade muani no Ibo.

### **1.1.2. Segundo Capítulo**

Neste ponto, são abordados assuntos relacionados com o contexto histórico desses rituais na comunidade muani, a relevância dos rituais para essa comunidade desde o tempo colonial.

### **1.1.3. Terceiro Capítulo**

No presente capítulo, são abordados questões relacionados com os Rituais Kuzingula, Kulebela na comunidade muani desde o período de 1975 até a actualidade e como a modernização impactou no seu desaparecimento.

### **1.1.4. Quarto Capítulo**

Nesse capítulo, são apresentados os assuntos relacionados com o papel da comunidade muani na consolidação desses rituais, serão apresentados também as entrevistas que serão levados a cabo na Vila de Ibo com a comunidade muani.

### **1.1.5. Quinto Capítulo**

Em relação a esse capítulo, são apresentados as conclusões, recomendações e por ultimo as referencias bibliográficas que nortearam o estudo em alusão.

## **1.2. Argumento**

Prioritariamente, olhamos que este estudo, tem o seu princípio no ano de 1975 até actualidade, todavia, levamos alguns factos que vão nos dar a compreender como é que sempre foi a história dos rituais Kuzingula e Kulebela, e como esta actualmente de acordo com as afirmações dos entrevistados. A modernização é um conceito das ciências sociais que se refere ao processo de transformação de uma sociedade, através da industrialização, urbanização e outras mudanças sociais. Este processo é contínuo e produz transformações nas sociedades contemporâneas (Max Weber)

Dizem os entrevistados naquela parcela da ilha do Ibo, de que os referidos rituais sempre fizeram parte do seu cotidiano, além de que, sempre enfrentaram vários obstáculos vindo de várias pessoas e de vários lados, apontando sobretudo, a modernização como sendo uma das causas. Com a modernização as pessoas se inteiram com facilidade do mundo digital, aí se deparam com várias culturas diferentes, outrora, com muita facilidade assimilam. Entretanto, passam a olhar de que, continuar a praticar os rituais tradicionais são práticas ultrapassadas.

A maior parte dos entrevistados, manifestaram a sua preocupação com a aderência nos rituais por parte da geração actual, apontando como algumas coisas o que antes mencionamos, o processo de modernização não foi pacífico, mas sim foi violento e agressivo, porque sempre se trata de assimilar uma coisa nova, em outros contextos lutar para um certo indivíduo abandonar o seu hábito.

Ora, a colonização lutou para extinguir os rituais, usando vários meios coercivos e olhando como sendo hábitos e costumes ultrapassados. Ligado a isso, após a independência o Governo da FRELIMO, lutou para a formação do homem novo, e lutou contra as tradições e os rituais olhando como ultrapassados.

Unesco (2011), o primeiro grande esforço realizado por Moçambique no período pós-independência no sentido de conhecer e sistematizar o património cultural nacional foi a Campanha Nacional de Preservação e Valorização Cultural, decorrida de 1979 a 1983, a qual consistiu na colecta e sistematização de diferentes manifestações culturais em todo o país. Esta campanha é considerada, ainda hoje, uma das mais importantes acções na área da cultura.

Em 1988, o país elaborou Lei 10/88, que determina da protecção legal dos bens de natureza material e imaterial do património cultural moçambicano. Esta lei é a referência ainda hoje vigente para as acções

Em 2006, Moçambique ratificou simultaneamente as Convenções de 2003 e 2005 da Unesco, denominadas Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Intangível e Convenção sobre a Protecção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais, respectivamente.

Furquina (2016) fica evidente que o processo modernizador da FRELIMO<sup>4</sup> era baseado em formas de pensamento que se alinhavam com uma visão linear da História, visando

sempre o progresso da sociedade que culminaria em uma civilização emancipada pela razão. Ao mesmo tempo, se observa a crítica ao sistema colonial, que também era visto como atrasado, pois oprimia e explorava a população. Se antes era a dicotomia do colonizador versus colonizado, agora se observa o Homem Novo moderno versus o Homem tradicional. Em um primeiro momento, pensaremos a modernidade a partir da visão dos europeus, e posteriormente, de que forma ele foi aplicado e vivido nas colônias.

Na revista *Justiça Popular* os discursos proferidos pelo governo em suas matérias são extremamente explícitos no que diz respeito as ideias de conduta baseadas na modernidade, principalmente na questão de civilizar e de guiar os homens através da razão e da ideia de indivíduo em detrimento dos aspectos tradicionais tidos como atrasados sempre priorizando o discurso de uma só nação, um só povo que não seria ser dividido em “tribos”.

Michel Cahen (Cahen, 1994) discorre apontando que a micro-elite moçambicana moderna foi um produto das características da colonização portuguesa do século XX. Dessa forma, nos primeiros anos de governo o plano não foi socializar o poder, mais sim nacionalizar e modernizar a população vinculando a nação com um processo de modernização conservadora.

Portanto, os rituais são hábitos e costumes que caracterizam a cultura africana, pese embora que têm passado por vários obstáculos, dentre as críticas, reprovações, característicos de que se identifica como não africano, tanto quanto, vários escritores com tendências da corrente Euro centrista, têm menosprezado e diabolizado a cultura africana, tendendo a se identificar com a cultura ocidental, isso quando lutam para o abandono das tradições. Finalizando isso seria negar aos africanos a sua identidade sem negar a modernização da tradição.

### 1.3. Problematização

Moçambique, e como a maioria dos países da África, não possui uma identidade cultural específica, apresentando aspectos que o ligam a outros países vizinhos e mesmo a outros continentes (Santiago, 2019). Ao conquistar a independência, em 1975, após quase quinze anos de guerra contra os portugueses, os líderes moçambicanos buscaram eliminar a língua do colonizador, mas isso se tornou impraticável ante a variedade de línguas presentes no país, que possuem importância regional, mas não alcance nacional (UNESCO, 2010).

Lourenço (2023), em Moçambique as tradições sempre exerceram um papel fundamental na construção da sociedade, é através destes rituais, princípios, valores que o indivíduo assume um papel dentro da sociedade.

Segundo Kimbanda, (2006), em diferentes pontos do mundo, os rituais constituem uma realidade constante e fixada nos hábitos, valores e crenças dos seus praticantes. Nesses diferentes pontos do mundo, estes assumem formas e destinos diversificadas e representam o momento em que um indivíduo passa/passará a assumir um novo papel social.

Os muanis, são um grupo etnolinguístico predominante na zona litoral de Cabo Delgado, caracterizados pela preservação dos seus rituais desde os primórdios da expansão árabe e depois portuguesa. Este grupo acredita que os rituais de passagem são necessários para a preparação dos indivíduos para a vida adulta (Daniel, 1995).

A principal actividade económica dessa comunidade muani é a pesca. A maior parte da comunidade vive e depende dela. Homens e mulheres praticam, as raparigas geralmente vão apanhar mariscos durante o período de maré vazia e captura de polvo, enquanto os homens praticam a pesca. (Daniel, 1995).

Em relação a essas práticas culturais, os sheiks muânis recebem consoantes as suas orações para o efeito.

*Kulebela* é uma cerimónia praticada na comunidade muani na vila de Ibo, nesta comunidade essa cerimónia tem as seguintes características nomeadamente: existem locais considerados sagrados em que a comunidade quando enfrenta algum problema seja ele, geral ou individual recorrem para fazer os seus pedidos naquele local específico a fim de atenuar as suas preocupações. Importa referir que dentro deste local (mesquita,



Mlamba Hodi) sempre existe um responsável para orientar os demais sobre como fazer o pedido, um dos locais mais conhecido se designa na língua local por "Mlamba Hodi"

De acordo com Rodolpho (2000), citado por Jamal (2013), os rituais funcionam também como mecanismo de educação não formal onde são transmitidos os valores e as normas de uma sociedade determinada, querendo-se assim perpetuar os mesmos transmitindo-os de geração em geração. Associamos este conceito como uma forma que visa legitimar os cônjuges e é fundamental nas relações sociais entre os indivíduos da comunidade muani. É através deste que os indivíduos aprendem normas e valores que regem as suas condutas em sociedade.

*Kuzingula* é uma cerimónia tradicional, praticada pela comunidade muani que consiste em chamar toda comunidade da Vila de Ibo e reúnem-se em um determinado local cuja, o local deve ser ponto de referencia que marca o principio do distrito, alguns sheiks, professores da religião islâmica, vão recitando a oração do sagrado alcorão, pedindo ao criador de tudo e todos, que proporcione mais saúde a comunidade, garantir a segurança evitando assim, a propagação de doenças, garantindo assim o bem-estar da comunidade que segue com os mesmos pedidos.

Segundo Talapa, (2013), citado por Jamal (2013), inúmeros estudos oficiais sobre os rituais em Moçambique, feitos pelos autores Medeiros (1995), Casimiro (2000), Osório e Silva (2008) realçam que a história da prática dos rituais no país passou por várias etapas, de aprovação e reprovação, quer no tempo colonial, quer no período que sucede a independência no país. Os rituais foram combatidos pelas autoridades coloniais, pelos missionários, pelo regime socialista que vigorou no país, estes consideravam que os rituais eram uma prática obscura. Nesta senda de ideia surge a seguinte questão: ***Qual é a Historia dos Rituais Kuzingula e Kulebela na Comunidade Muani na Vila de Ibo no período de 1975 até actualidade?***

## **1.4. Objectivos**

### **1.4.1. Objectivo Geral**

Compreender a história dos Rituais *Kuzingula*, *Kulebela* na Comunidade Muani na Vila de Ibo.

### **1.4.2. Específicos**

- Identificar a história dos Rituais *Kuzingula*, *Kulebela* na Comunidade Muani na Vila de Ibo no período de 1975 até actualidade;
- Descrever o processo e o impacto da Modernização dos Rituais *Kuzingula*, *Kulebela* na Vila de Ibo no período de 1975 até actualidade;
- Enunciar o Papel da Comunidade na Consolidação dos Rituais *Kuzingula*, *Kulebela* na Vila de Ibo no período de 1975 até actualidade;

## **1.5. Justificativa**

De acordo com, declarações avançadas por vários residente e os factos por eles vivenciados, falar da compreensão da história de alguns rituais; Kuzingula, Kulebela na comunidade Mwani do Ibo, é de suma importancia, na medida em que:

Busca consciencializar aos mais novos e compartilhar aos mundo em geral a forma como os rituais fizeram parte do cotidiano daquela população mwani residente na villa do Ibo, segundo os anciãos sempre mantiveram fé que na realização daqueles rituais os seus pedidos eram atendidos e assim conseguiam se prevenir de varias doenças assim como escaparam de várias invasões.

Diante disso, os anciãos daquela villa, acreditam tanto quanto sempre tiveram fé nos mesmos que lhes levou a crer que com a preservação daqueles rituais, podiam desenvolver longe de muitos imprevistos, sobretudo a maldade dos outros seres humanos, assim como, os efeitos das acções dos mesmos

Logo, vale destacar que a escolha deste tema é de suma importância, uma vez que, vai tratar de um assunto que tem sido uma preocupação de uma sociedade moçambicana que para eles é imprescindível preservar aqueles rituais, porque fazem parte da cultura deles e por meio disto fazem parte da identidade Africana, com isso, espero vir a contribuir a nível social tanto quanto académico, e pessoal, uma vez que tem sido um assunto que certas pessoas naquela sociedade falam, mas não de uma forma tão profunda quanto aqui irei debruçar depois de varias entrevistas.

Nesse contexto, entende-se que ao nível social, o tema em questão, vai ajudar a compreender o quanto os anciãos daquela Vila acham sine qua non consciencializar aos demais para a luta na preservação daqueles rituais, trazendo todavia, o intender de vários anciãos e pessoas influentes naquela Villa, que eles como africanos a pratica de rituais herdaram dos seus antepassados e que a comunidade ao preservar os mesmos estão a ilustrar a importância de consagrar a sua identidade como moçambicano e como africano no geral, e creditam ainda de que é uma das coisas que herdaram dos seus antepassados que ainda esta vivo. Por outras preservaram ate a actualidade, porque a maior parte do que os seus antepassados deixaram tem sido atacado, diabolizado e incentivados a abandonar, acrescentam dizendo de que, de acordo com essa fé, alguns filhos são resultados de aqueles rituais.

Alem disso, ao nível académico, como historiador ou pesquisador social, espero contribuir trazendo esta realidade vivida naquela comunidade como um facto histórico. Relatando sobre maneira, da forma como algumas sociedades depositam a sua fé em alguns rituais. Em suma, contribuindo assim na pesquisa científica, como um dos poucos que se interessam nesses estudos.

Portanto, ao nível pessoal, aperfeiçoar na pesquisa científica a fim de que, os meus feitos venham a ajudar a próxima geração a compreender e interpretar da realidade que se viveu na sua sociedade quanto na dos outros.

## Balizas Cronológicas

- No período de 1975 até 2007 a prática de rituais na Vila do Ibo era muito forte e os sheiks, anciãos e jovens participavam com frequência na prática dessas cerimónias o que de certa forma contribuiu para o sustento daquela comunidade. Portanto. Foi considerada o ano da seca.
- A primeira epidemia de cólera que assolou a Vila do Ibo surgiu em 1859. Com eclosão dessa epidemia, a comunidade sentiu a necessidade de praticar o ritual *Kulebela* como uma forma de pedir ao seu criador Allah que afasta-se esse mal daquela comunidade.
- A Guerra Civil Moçambicana, também conhecida como Guerra dos 16 Anos, durou de 1977 a 1992. A comunidade da Vila do recorreu a cerimónia de *Kuzingula* para que essa guerra não assola-se a Vila.
- O período de 1988, o país elaborou Lei 10/88, que determina da protecção legal dos bens de natureza material e imaterial do património cultural moçambicano. Esta lei é a referência ainda hoje vigente para as acções de salvaguarda dos bens imateriais. Em 1993, foi instituído o Arquivo do Património Cultural que, em 2002, passou a ser chamado de ARPAC - Instituto de Investigação Sócio-Cultural.
- O período de 2000 a 2004 o batuque pungui ou vuvó ocorria também com frequência, pois servia para expelir “espírito maligno” de um doente. O ritual funerário apresentava algumas características semelhantes às práticas muanis, como lavar devidamente o corpo e utilizar alfazema ou incenso para aromatizar o ar, com um pároco conduzindo as orações.
- O período de 2006, Moçambique ratificou simultaneamente as Convenções de 2003 e 2005 da Unesco, denominadas Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Intangível e Convenção sobre a Protecção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais, respectivamente.
- O aparecimento de homens armados no período de 2017 em Cabo-Delegado. Diante deste cenário, cabe ressaltar que com o aparecimento de homens armados em Cabo-Delgado a comunidade muani da Vila do Ibo sentiu-se ameaçada, neste contexto sentiu-se na obrigação de recorrer as práticas antigas que são os rituais *Kulebela* e *Kuzingula*, como uma forma de usar a prática para a protecção da Vila.

- No período de 2019 a 2021 a comunidade da Vila do Ibo recorreu a tradição *Kuzingula* para manter a protecção contra a eclosão da Covid-19.
- O período de 2017 a 2018 a comunidade da Vila de Ibo recorreu a prática *Kulebela* para a invocação da chuva ao seu criador Allah.
  
- Em 2020 surto de cólera na Vila do Ibo. Com a passagem do ciclone Kenneth a Vila do Ibo foi afectada pelo surto da cólera e a medida tomada foi de recorrer o ritual *Kulebela* como uma forma de fazer o pedido que culmina-se no afastamento desse mal e mantivesse a Vila sã.

## 2. Revisão da Literatura

### 2.1 Contextualização da História dos Rituais em Moçambique

UNESCO (2011), o primeiro grande esforço realizado por Moçambique no período pós-independência no sentido de conhecer e sistematizar o património cultural nacional foi a Campanha Nacional de Preservação e Valorização Cultural, decorrida de 1979 a 1983, a qual consistiu na colecta e sistematização de diferentes manifestações culturais em todo o país. Esta campanha é considerada, ainda hoje, uma das mais importantes acções na área da cultura.

Em 1988, o país elaborou Lei 10/88, que determina da protecção legal dos bens de natureza material e imaterial do património cultural moçambicano. Esta lei é a referência ainda hoje vigente para as acções de salvaguarda dos bens imateriais. Em 1993, foi instituído o Arquivo do Património Cultural que, em 2002, passou a ser chamado de ARPAC - Instituto de Investigação Sócio-Cultural. (UNESCO, 2011).

Em 2006, Moçambique ratificou simultaneamente as Convenções de 2003 e 2005 da Unesco, denominadas Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Intangível e Convenção sobre a Protecção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais, respectivamente.

Zquierdo (2011) que, “Sem memória não há vida. É possível, inclusive, dizer que a vida é uma sequência de memórias” então, percebe-se que a prática desses rituais são de uma elevada importância para aquela comunidade uma vez que viver sem memórias e condutas tradicionais.

A memória de um dado grupo liga-se positivamente a determinado espaço de convivência sociocultural e esse, com o tempo, transforma-se no seu território de domínio. Tema que está presente em várias áreas que estudam as relações humanas, as chamadas memórias desse grupo passa a constituir as suas raízes locais e sua história com o passar do tempo. Cahen, (1994) discorre apontando que a micro-elite moçambicana moderna foi um produto das características da colonização portuguesa do século XX. Dessa forma, nos primeiros anos de governo o plano não foi socializar o poder, mais sim nacionalizar e modernizar a população vinculando a nação com um processo de modernização conservadora.

Cossa. (2019), no seu estudo intitulado *Mundo dos antepassados e o mundo dos vivos - ritual de ukanyi na mediação: um ensaio sobre ancestralidade no Sul de Moçambique*,

explica-nos que embora alguns autores pensem o antepassado como um “existente não vivente”, a experiência do ritual de ukanyi em Macuane e Marracuene permite-nos compreender o antepassado também como um “existente vivente”. Pois, o antepassado apesar de morto fisicamente ele não deixa de viver, continua a viver num mundo invisível, e se materializando simbolicamente no mundo visível. Sendo assim, os antepassados e os indivíduos nos contextos estudados são ambos “existentes viventes”, se diferenciando na peculiaridade da sua forma de vivência.

Os antepassados (mortos) aparecem para os vivos, falam e interagem com eles. Portanto, o antepassado tem vida, se entendermos a vida enquanto uma construção sociocultural, enquanto o ato de existir, seja fisicamente ou espiritualmente, interagindo e exercendo influência sobre os indivíduos e na sua vida cotidiana. (Cossa, 2019).

Daí afirmo que, o mundo dos antepassados e o dos vivos se constituem como mundos tão “distantes” quanto “próximos”. As crenças e práticas do ritual de *ukanyi* são constituintes das religiões tradicionais africanas (RTA) a partir das quais os indivíduos dão sentido/significado às suas vidas assim como interpretam e compreendem o mundo em que vivem. (Cossa, 2019).

Portanto, o autor conclui o seu estudo explicando que a relação entre o mundo dos vivos e o mundo dos antepassados é adentrar na forma como se constituem as afrofilosofias que permitem tangenciar o contexto africano. Portanto, atravessando os modos de agir, sentir, pensar e existir dos indivíduos de Macuane e Marracuene, em particular, e dos moçambicanos, no geral.

De acordo com Magodo (2023), entende que também existe a *Kuteta madzi*: que é uma prática cantada no ritual de chuva, trata-se de uma canção de pedido de chuva aos espíritos, para que os filhos não morram de fome. Neste ritual, participam todos os anciãos e membros reconhecidos da comunidade, em cerimónias oficiais ou públicos dias comemorativos, festivais de cultura e outras festividades e celebrações o conteúdo das canções enaltece os feitos dos dirigentes nas mais variadas esferas da vida e versam a respeito da ocasião e do dia-a-dia da sociedade. Aspecto frequente em quase todas essas ocasiões é a evocação durante os cânticos dos espíritos nyangulo, considerado guardião da comunidade.



## **2.2. Definição de Conceitos**

### **2.2.1. Rituais**

Segalen (2002, p. 31). destaca a capacidade que os ritos e rituais têm em assumir formatos adequados a cada circunstância social.

O rito ou ritual é um conjunto de actos formalizados, expressivos, portadores de uma dimensão simbólica. O rito é caracterizado por uma configuração espaço-temporal específica, pelo recurso a uma série de objectos, por sistemas de linguagens e comportamentos específicos e por signos emblemáticos cujo sentido codificado constitui um dos bens comuns do grupo. (Segalen, 2002).

Percebe-se que assim como a modernidade a tradição também é um conceito flexível e que deve ser pensando na sua configuração histórica e não à temporalmente como uma teoria desligada das práxis.

Mariângela Benine Ramos Silva (s/d)., no seu estudo sobre os *Ritos, rituais e cerimónias e suas implicações políticas nas organizações contemporâneas* defende que o ritual é uma linguagem, uma forma de dizer coisas e de representar situações, na medida em que expressa valores sociais, religiosos, políticos e económicos como valores importantes para a sociedade que o pratica. Essa linguagem pode variar em decorrência da importância dada por diferentes sociedades e a cada um dos momentos de transição.

Os rituais, ritos, mitos, heróis, tabus, histórias, o uso de linguagem específica e outros mecanismos procuram orientar os indivíduos e grupos e levá-los a agir em uma dada direcção; fornecem, com a ideologia, o sentido a ser dado aos acontecimentos; atribuem a cada pessoa um papel a desempenhar e a sustentam nesse papel; criam a comunidade ideológica através de uma comunhão de ideias. Da mesma forma, as cerimónias e os símbolos ajudam a reforçar os laços de afiliação, solidariedade, lealdade e comprometimento. (Mariângela Silva s/d).

### **2.2.2. Modernização**

Modernidade significa progresso, civilização e domínio de tecnologia; artificios esses que foram desenvolvidos devido ao processo histórico o qual a Europa passou, tais como o Iluminismo, a Revolução Francesa e a Revolução industrial que possibilitaram a consolidação dessa ideia específica de modernidade.

A modernização é um conceito das ciências sociais que se refere ao processo de transformação de uma sociedade, através da industrialização, urbanização e outras mudanças sociais. Este processo é contínuo e produz transformações nas sociedades contemporâneas (Max Weber)

(Denis Castilho, os sentidos da Modernização) O uso desses conceitos, especialmente o de modernidade e modernização, se difundiu na história e na literatura a partir das revoluções britânica (industrial) e francesa, ambas no século XVIII. Se a primeira forneceu o modelo económico para a inovação dos meios de produção, a revolução francesa, especialmente com o Iluminismo, forneceu o modelo político e ideológico da modernização.

### **2.2.3. Tradição**

A tradição e modernidade sob um olhar interdisciplinar perpassando não apenas a História, mas relacionando-a com as Ciências Sociais, visto que essa perspectiva interdisciplinar é extremamente necessária para se estudar temas africanos.

Entende-se o ritual como um sistema cultural e religioso de comunicação simbólica, elaborado com certas sequências ordenadas e padronizadas de silêncio, palavras e actos normalmente expressos por múltiplos meios que possuem conteúdos variados. A noção de ritual veio a se tornar uma categoria de análise no século XIX no âmbito da antropologia e da religião devido às inúmeras pesquisas de campo realizadas pelos antropólogos em diversos continentes. (Joachim, 2011).

Encontra-se a definição do James Frazer, que assume a posição de que o ritual era uma prática universal, classificando suas formas de expressão, distinguindo-as em práticas mágicas e práticas religiosas. A semente do desenvolvimento dos rituais se encontra na crença na ordem regular da natureza. Mas às vezes a natureza parecia fugir de sua regularidade causando as tempestades, enchentes e secas criando o medo e preocupação no homem primitivo. Dentro dessa realidade os ritos mágicos foram desenvolvidos e conforme Frazer, que estes ritos se baseiam na confiança do homem em poder controlar directamente a natureza. Os dois princípios nos quais fundamentam os ritos mágicos são: “que o semelhante produz o semelhante, ou que um efeito se assemelha a sua causa; e, segundo, que as coisas que estiveram em contacto continuam a agir umas sobre as outras, mesmo à distância, depois de cortado o contacto físico” (Frazer, 1982, 34).

Os colonizadores se baseavam em tradições inventadas europeias, principalmente em relação aos costumes e da cultura dita erudita, para formar e se definir enquanto europeus e dessa maneira justificar a sua posição hierárquica baseada em uma superioridade em relação às outras sociedades.

A modernização, com o surgimento das mesquitas e igrejas as pessoas passaram a se identificar mais com o que o ocidente trouxe deixando de lado aquilo que lhes identifica como africanos. Importa referir de que, a modernização trouxe com ele efeitos negativos tanto quanto positivos. A modernização tira o valor da africanidade tendo como outros efeitos o abandono pelo sabor da tradição.

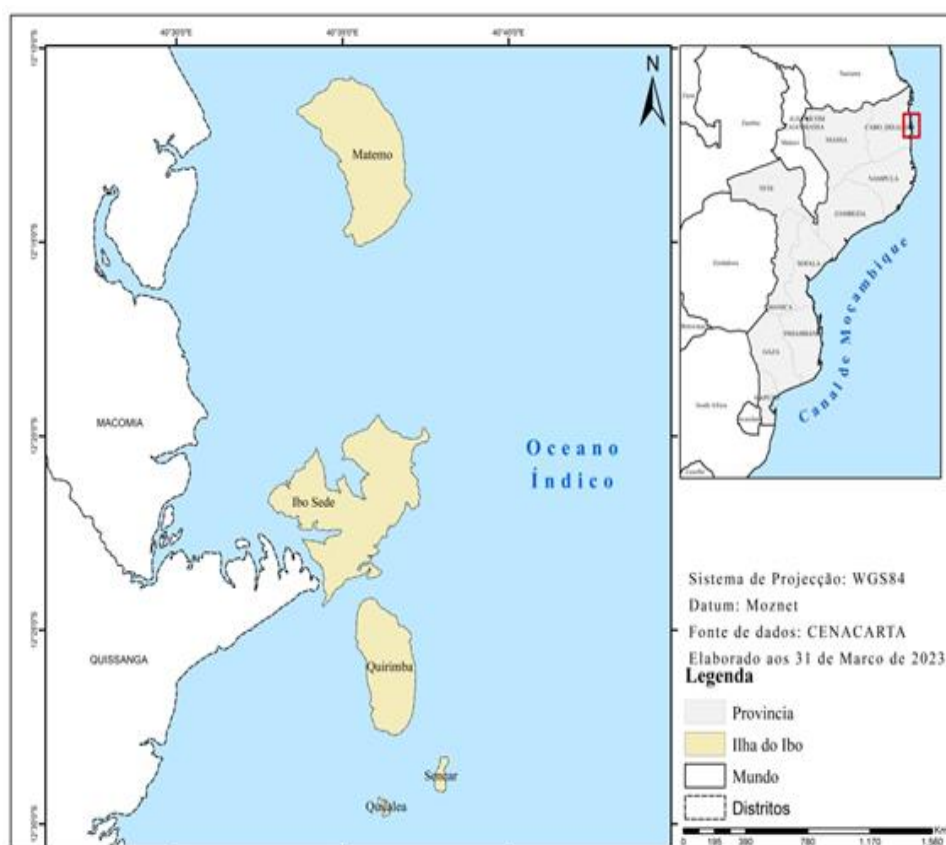
Newit, (2017, p.38), os reinos Maraves formaram entidades políticas que dominaram grande parte do Norte de Moçambique, durante quase duzentos anos, ao fazer assentar o seu domínio numa interação complexa com as populações autóctones e os cultos dos espíritos, nomeadamente ao culto prestado a Mbona de invocação da Chuva no Chire.

As sociedades africanas estavam organizadas em Estados segmentários descentralizados e assentes na dádiva recíproca e na assistência de médiuns que comunicavam com os espíritos associados a terra e a invocação da chuva ou com os espíritos dos chefes defuntos. A chegada dos 'Portugueses não transformou a estruturalmente essas relações, e os senhores dos prazos que chegaram a dominar extensas áreas do vale do baixo Zambeze e das planícies costeiras adaptaram se, em grande medida as praticas sociopolíticas tradicionais das populações africanas. (Newit, 2017, p.51).

### 3. Metodologia

#### 3.1. Descrição do Local de Estudo Ilha do Ibo

Segundo MAE (2005, p. 2), o Distrito de Ibo está localizado na parte central da Província de Cabo Delgado, confinando a Norte e Este com o Oceano Índico, a Sul com o distrito de Quissanga e a Oeste com o distrito de Macomia. Entretanto, com uma superfície de 48 km<sup>2</sup> uma população recenseada em 2017 de 12393 habitantes, este distrito tem uma densidade populacional de 258 Habitantes/km<sup>2</sup> (INE, 2017).



**Fonte: Armando, (2023).**

A ilha do Ibo tem uma dimensão de 3,6 km X 4,5 km e é considerada como a mais populosa do arquipélago, comparativamente com as outras ilhas do perímetro do arquipélago. Possui ainda uma área extensa de mangal estimada por volta de 4,5 km ao longo da costa norte da ilha (INE, 2017).

Na presente pesquisa o objecto de estudo são as práticas culturais *Kuzingula*, *Kulebela* da comunidade muani na vila de Ibo, usou-se o método qualitativo e observação directa. Com essas técnicas e métodos permitirão ao pesquisador conseguir entender as atitudes, rituais e valores que a comunidade Muani na Vila do Ibo praticam.

Para a concretização da pesquisa, o presente estudo passou por duas fases, nomeadamente: a pesquisa bibliográfica e recolha e análise e interpretação dos dados.

Quanto a pesquisa bibliográfica foram usadas informações que existem a nível do contexto Moçambicano e na diáspora que fazem menção ao estudo em destaque.

Observação directa foi feita através da convivência que o historiador teve com os anciãos, idosos, pessoas influentes, membros do governo e guias turísticos residentes na Vila do Ibo, o pesquisador uma observação destes rituais ou práticas culturais ao longo das suas entrevistas.

### **3.2. Breve Historial de Algumas práticas e costumes da Ilha do Ibo**

Os Mwani são um grupo populacional resultante dos contactos estabelecidos entre povos islamizados e falantes da língua Swahili da costa oriental da África com os povos Makua que habitavam a costa norte de Moçambique. Todo mwani faz parte de um clã matrilinear, mas o seu funcionamento não é igual a dos outros grupos matrilineares, como os Makua, por exemplo, a tomada de decisão sobre a negociação de alianças matrimoniais e a escolha de cônjuge, na comunidade Mwani quem toma a decisão é o pai e nas dos Makua é o tio materno. (Jamal, 2013, p. 17)

“A religião assume um papel muito importante no que diz respeito as normas e valores de convivência da comunidade Mwani, sendo o Islão, a religião mais professada por esta comunidade devido a influência árabe na costa moçambicana, isto faz com que as outras religiões sejam nulas neste bairro, sendo o cristianismo a religião que apresenta um número considerável de seguidores. (Jamal, 2013, p. 18).”

Com o processo de ocupação colonial em Moçambique, a Ilha do Ibo se tornou sede do concelho administrativo de mesmo nome. O concelho compreendia as ilhas Quirimbas, Matemo e Ibo, sendo que em toda sua extensão havia, em 1908, cerca de 11.492 habitantes, incluindo os estrangeiros. Desse número, contavam 10.492 “pretos” e os demais perfaziam estrangeiros, mestiços e “brancos naturais”<sup>32</sup>, contingente populacional que se concentrava mais na Ilha do Ibo do que em Quirimba e Matemo. A explicação para essa concentração demográfica era a importância política, económica e religiosa de Cabo Delgado. (Fernanda Thomaz, 2022).

Com isso, a digitação e a proliferação das ceitas religiosas acabam contribuindo sobremaneira, na extinção de algumas culturas junto de alguns rituais, uma vez que cada grupo passa a defender as ideias de como a sua receita de orienta

A Vila do Ibo foi sede do distrito de Cabo Delgado de 1763 até o princípio do século XX. Quando a Companhia do Nyassa assumiu a administração das regiões de Cabo Delgado e Niassa, Ibo se manteve como um centro económico e religioso. A Ilha do Ibo foi considerada o centro económico de Cabo Delgado devido ao tráfico de escravos, o que a tornou um polo de atracção das populações rurais do continente. (Fernanda Thomaz, 2022).

Algumas dessas migrações ocorriam porque a ilha era considerada um dos centros religiosos de Cabo Delgado para se ter uma ideia, na virada do século XIX para o XX, a maioria da população de Ibo era muçulmana, tendo esse sido um período de grande difusão do islamismo na região.

A maior parte da população do Ibo professava o islamismo, com excepção de alguns grupos chamados “filhos do Ibo”, de determinados estrangeiros e de uma minoria da população dita “indígena”. Muitos africanos dessa região viviam em um sistema matrilinear, no qual sua ascendência materna era a mais importante, ou seja, o filho pertencia à linhagem da mãe.

Quanto a residência, no casamento entre Mwanis é frequente o homem fixar a sua residência na família da mulher, isto é, o casamento é matrilocal. A esta prática chama-se *uxorilocalidade*. As mulheres são responsáveis pelos trabalhos de casa, que são considerados inferiores em relação às actividades praticadas pelos homens. (Jamal, 2013, p.18).

Fernanda Thomaz. (2022), argumenta que a língua falada por eles é o quimuani, um misto das línguas emacua e kisuaíli. Na língua quimuani, *muani* significa “gente da praia”, servindo para se referir a mar, costa e margem. A identificação mais proeminente dos *muanis* é ser da costa, falar a língua quimuani, professar o islamismo e não ter sido “destinado a ser expatriados como escravos.

Fernanda Thomaz. (2022), os *muanis* exerciam as actividades de pescadores, marinheiros, alfaiates, carpinteiros, pedreiros, ourives, cozinheiros, mainatos ou lavadores e vendedores. Os jovens se orgulhavam de exercer essas funções, desprezando as

actividades de empregados de limpeza, as quais consideravam degradantes. As actividades eram exercidas por homens que, apesar dos modestos salários ou rendimentos, conseguiam tirar suas “mulheres das árduas e nem sempre produtivas tarefas agrícolas, manter a família bem alimentada e ataviada com libras, fios e brincos em ouro (...). Através dos trabalhos exercidos, os naturais da Ilha do Ibo e das áreas costeiras se distinguiam dos jovens que saíam do interior do continente, atraídos pelo desenvolvimento da ilha. Geralmente, os jovens do interior que imigravam para a Vila do Ibo passavam a trabalhar nas casas dos brancos, mestiços e indianos.

João Feijó. (2020), no seu estudo sobre as *Assimetrias no acesso ao Estado: um terreno fértil de penetração do jihadismo Islâmico?* o grupo Mwani (falante de kimuani) predomina ao longo da costa de Cabo Delgado a norte de Pemba, do Ibo até ao rio Rovuma, assim como nas diversas ilhas do arquipélago das Quirimbas. Maioritariamente islâmico, trata-se de um grupo que se dedica fortemente à pesca (que conjuga com a pequena agricultura de subsistência alimentar), assim como actividades comerciais.

Fernanda Thomaz. (2022), no seu estudo sobre *Casaco que se despe pelas costas: história do Colonialismo, Justiça e Agências Africanas em Moçambique* explica que os portugueses faziam severas críticas à prática do muave desde o século XVIII, sobretudo na Ilha do Ibo, por acreditarem que era “contrária à doutrina cristã”. Mesmo os projectos coloniais para os *milandos* proibiam seu uso ou de qualquer outra técnica parecida, e o projecto de código penal elaborado por Gonçalves Cota punia a utilização do muave por considerá-lo uma prática de envenenamento. Durante todo o período, procurou-se condenar e proibir esse tipo de processo de prova investigativa.

### **3.3. O processo e o impacto da Modernização dos Rituais *Kuzingula, Kulebela* na Vila de Ibo**

O processo de modernização é feito através de cruzamento de várias civilizações e da evolução da mente e do pensamento do Homem aliado com a evolução tecnológica. No caso de Ibo em particular, para além dos aspectos atrás mencionados, o processo de modernização cultural é feito através da participação da comunidade nos vários encontros promovidos por Organizações Não Governamentais que operam na ilha com vista a melhorar alguns hábitos e costumes promovendo assim a convivência harmoniosa e o bem-estar da comunidade.

Segundo Binze, (2022, p. 102), as práticas culturais em Moçambique são historicamente cultivadas pela população para manutenção e conciliação dos saberes locais e o respeito pelas ancestralidades.

Em relação aos efeitos podemos descrevê-los em duas vertentes positivo e negativos. Positivos na medida que a modernização abre um espaço no âmbito da globalização para o intercâmbio cultural, avanço tecnológico, melhoria da diplomacia e o comércio. Negativo na medida em que se verifica a deterioração ou perda de valores no que diz respeito a identidade das comunidades locais.

Na visão de Braço (2008, p. 81), na sociedade Moçambicana as práticas culturais têm uma função educativa, porque auxiliam na construção de identidades culturais, são espaços de construção e transmissão de saberes, práticas e de perpetuação da cultura. É a maneira que as sociedades encontram de tornar significativa a vida cotidiana.

Em relação a globalização as pessoas se inteiram com facilidade do mundo digital, ai se deparam com várias culturas diferentes, outrora, com muita facilidade assimilam. Entretanto, passam a olhar de que, continuar a praticar os rituais tradicionais são práticas ultrapassadas.

Fabiane Miriam Furquim (2016), defende ainda que essa questão da modernização da tradição é vista como uma possível saída para poder se estudar a modernidade africana. Nesse pensamento, a resistência e permanência das tradições, tais como o lobolo, a centralidade dos chefes tradicionais e aos ancestrais, no caso de Moçambique por exemplo, podem ser encarados como a própria modernidade africana, novamente aqui deslocando o sentido fixo de modernidade e inserindo-o em outras realidades.

A modernização impactou nos rituais profundamente, na medida em que: a aderência massiva da comunidade passou a reduzir, devido a construção de várias teorias em torno dos rituais. Várias pessoas com muita influência no mundo passaram a diabolizar os rituais ou em suma nas várias práticas tradicionais, achando sobre tudo como práticas ultrapassadas, com essa falta de aderência em alguns momentos acredita-se que levam a ineficácia e vários acontecimento que estão a afligir a comunidade na actualidade acredita-se que estejam a acontecer pelas mesmas razões.

De acordo com Fabiane Miriam Furquim (2016), no seu estudo sobre *Repensando a Tradição e a Modernidade em Moçambique: uma abordagem conceitual* explica que a



modernidade e a tradição se configuram tanto no discurso historiográfico, quanto na própria práxis incorporada pela FRELIMO e que pode ser vista nas diversas matérias que compõem a Revista Justiça Popular, perpassando, de alguma maneira, esta ideia de colonialidade do poder a partir da qual podemos problematizar a modernidade e seu discurso mítico e a permanência após o período colonial, quanto a própria tradição e os discursos que a compuseram como negativa e atrasada. Sendo assim, a pequena bibliografia brevemente discutida aqui pode ajudar a procurar respostas se pensarmos em um deslocamento temporal e numa maior flexibilidade dos conceitos de modernidade incorporadas a uma crítica ao eurocentrismo e a violência negada do processo colonial que, por sua vez, não tiram a responsabilidade da elite moçambicana no processo histórico do país.

Segundo Perreira (2007), no contexto contemporâneo a televisão mudou, sobretudo a partir da década 80, também os contextos da infância mudaram, quer em termos das estruturas sociais das famílias e das comunidades, quer em termos de valores da identidade e de consumos aumentam as possibilidades de desvinculação dos indivíduos em relação às suas tradições

A modernização, com o surgimento das mesquitas e igrejas as pessoas passaram a se identificar mais com o que o Ocidente trouxe deixando de lado aquilo que lhes identifica como africanos. Importa referir de que, a modernização trouxe com ele efeitos negativos tanto quanto positivos. A modernização tira o valor da africanidade tendo como outros efeitos o abandono pelo sabor da tradição.

Segundo o Banco Mundial, (1990, p. 11), antes da chegada dos europeus a educação tradicional era assegurada por todos grupos étnicos e linguísticos e continuam a ser, geração após geração, um importante veículo de transmissão de identidade cultural. Este sistema educativo procura inculcar nas crianças às atitudes e conhecimentos adequados ao desempenho dos papéis sociais masculinos e femininos, pondo a tónica nos deveres e privilégios resultantes de valores culturais. Transmitida oralmente e pelo exemplo familiar, bem como em lições formais e em rituais comunitários, a educação indígena responde aos problemas concretos das comunidades locais, preparando chefes políticos como simples camponeses e gera um sentimento de cidadania nos habitantes da comunidade.

### 3. 4. A história dos *Rituais Kuzingula, Kulebela na Vila de Ibo*

Fabiane Miriam Furquim (2016), explica que o estudo de rituais em Moçambique é pertinente para este trabalho, visto que após a independência do país em meados dos anos 70, houve uma política de modernização da sociedade através de preceitos baseados no marxismo-leninismo que visavam a emancipação dos homens através da razão, de modo a deixar o obscurantismo para trás bem como as práticas tradicionais, que, na visão do partido, eram obstáculos para a igualdade e consolidação da revolução.

Quando se trata dos rituais Kuzingula e Kulebela. Entende-se que se esteja a falar de crenças culturais e local que esta comunidade tem a sua fé nela e recorre em caso de aflições, e por meio desta fé acreditam que as suas preocupações são resolvidas.

#### **Seca que assolou a Vila do Ibo no período de 1975 até 2007**

No período de 1975 até a prática de rituais na Vila do Ibo era muito forte e os sheiks, anciãos e jovens participavam com frequência na prática dessas cerimónias o que de certa forma contribuiu para o sustento daquela comunidade.

Segundo o sheik Mahando de 56 anos relata que a Vila de Ibo abastecia alimentos para os distritos circunvizinhos como por exemplo: Quissanga, Meluco, Macomia e entre outros distritos. Esses produtos eram papaias, batata-doce, bananas.

Portanto, com a prática dos rituais *Kuzingula* e *Kulebela*, o distrito de Ibo sempre conseguiu ultrapassar certas crises neste caso a seca do ano de 1985 que assolou a Vila, segundo Ibraimo de 60 relata que com a falta de chuva na Vila a comunidade sentiu-se na necessidade de recorrer a prática dos rituais para que pudesse ultrapassar aquela realidade. A comunidade organizou um encontro num local sagrado chamado *Nlamba Odi* que se encontra no meio de uma mata, onde na companhia dos sheiks começam a fazer o pedido de chuva que na língua muani significa *Kulebela Nvula*.

Diante desse cenário, cabe ressaltar que a prática desses rituais sempre esteve patente na vida da comunidade muani, eles acreditam que esses rituais sempre trouxeram e trarão benefícios para aquela comunidade se forem bem seguidas e obedecendo todos os procedimentos culturais para a sua prática.

Infere-se, portanto, a necessidade de destacar que com o passar dos anos os jovens foram deixando de participar nesses rituais por causa de influencia da modernização acreditando

que estão num novo tempo e que as coisas devem ser resolvidas ou ultrapassadas com meios modernos.

### **A primeira epidemia de cólera que assolou a Vila do Ibo surgiu em 1859.**

Em Moçambique, a primeira epidemia de cólera surgiu em 1859. As regiões mais afectadas foram as Ilhas do Ibo e a zona circunvizinha a Ilha de Moçambique. (Aragón et al. 1994).

Portanto, desde os tempos passados a comunidade da etnia muani na Vila de Ibo vem sofrendo dessas epidemias e uma forma encontrada para abrandar o mal foi de recorrer a certos rituais que na visão dos sheiks, anciãos explicam que a quando da eclosão dessa epidemia, a comunidade sentiu a necessidade de praticar o ritual *Kulebela* como uma forma de pedir ao seu criador Allah que afasta-se esse mal daquela comunidade.

### **A Guerra Civil Moçambicana, também conhecida como Guerra dos 16 Anos, durou de 1977 a 1992.**

De acordo com os sheiks da Vila do Ibo, relatam que na altura quando se inteiraram da Guerra dos 16 anos fez-se um comício na Vila do Ibo com o objectivo de se estabelecer um dia para a realização da cerimónia *Kuzingula* como uma forma de expulsar o mal, a guerra não assola-se a Vila.

Unesco (2011), a bebida de njera também localmente chamada doró ou seven days (devido ao facto de a sua preparação levar sete dias) é preparada por mulheres em menopausa, porque, segundo a crença local, os espíritos não consomem produtos preparados por alguém em idade fértil.

Nesta senda de ideia, Patrícia. R. (2009), explica que a prática dos rituais ocorre desde os primórdios. Sua importância reside no seu desenvolvimento e imposição silenciosa aos participantes, em sociedades simples ou complexas. Sua aceitação e repetição é uma demonstração da própria necessidade de sua existência, sendo que a polissémica significação desses eventos pode ser explicada pelas características, necessidades e evolução de cada sociedade.

Lima-Mesquitela, Martinez e Lopes Filho (1991), são funções dos ritos manter a cultura integrada e estabelecer ligações com o passado dos indivíduos envolvidos, para que eles possam reviver determinadas experiências já vividas por seus antepassados. Sem a repetição das experiências, muitos significados podem ser esquecidos no decorrer do

tempo. Ao se repetirem, mantêm e estabelecem uma coerência dentro da cultura e ao mesmo tempo ajudam-na a funcionar harmonicamente.

Nessa comunidade compreende-se os rituais kuzingula e Kulebela como sendo hábitos e costumes, patente de fé e que sempre fez o dia-a-dia, dos seus antepassados até a actualidades, está-se diante de rituais que sempre constituíram de meios usados diante de qualquer dificuldade, desde pessoas tanto quanto colectivas.

Unesco (2011). Para as comunidades WaManica, algumas serras e montanhas são consideradas como locais sagrados e geralmente existem mitos e rituais a eles associados. Associado a sacralidade, o monte serve como local de realização de rituais de pedido de chuva, boa colheita e de protecção da comunidade contra males e problemas de vária ordem. Para que seja realizado qualquer ritual, a comunidade reúne-se e informa a liderança local sobre os males que enfermam a sociedade, depois juntam-se todos condimentos necessários para a sua efectivação (bebida de njera e cabrito).

Unesco (2011), explica no seu estudo que esse ritual é praticada na noite anterior à realização do ritual, o régulo consulta os espíritos sobre a viabilidade para a realização do ritual, colocando uma pequena quantidade da bebida de njera nas costas do cabrito. No caso em que o animal sacuda a bebida, isso será tido como um sinal de que há condições para a realização do ritual. Uma reacção contrária por parte do animal significa que o ritual deve ser adiado.

Os rituais acima já não são realizados com a mesma frequência devido a influência do cristianismo e da globalização. Ainda assim, os membros da comunidade sentem a necessidade de resgate da prática dos rituais, e sugerem que as lideranças locais valorizem estas práticas, dado que vários problemas acontecem que outrora eram resolvidos através desses rituais. (Unesco 2011).

O batuque pungui ou vuvó ocorria também com frequência, pois servia para expelir “espírito maligno” de um doente. O ritual funerário apresentava algumas características semelhantes às práticas muanis, como lavar devidamente o corpo e utilizar alfazema ou incenso para aromatizar o ar, com um pároco conduzindo as orações. O batuque era uma das faces dos diferentes conflitos culturais existentes na Ilha do Ibo. No final da segunda década do século XX, o administrador do concelho, Abílio Augusto de Sousa Costa, proibiu, através de um ‘edital’, a realização de três batuques “com o fundamento de se praticar neles a imoralidade e a superstição. (Fernanda Thomaz, 2022).

Na perspectiva de Golias (1993, pp. 12-13), a educação tradicional visa uma tripla integração do indivíduo: pessoal, social e cultural.

A integração pessoal permite ao indivíduo reunir num todo unitário as múltiplas influências do seu meio para, em seguida, integrá-las na sua maneira de pensar, de agir e de se comportar, por seu turno a integração social permite ao indivíduo participar activamente nas actividades e na vida do grupo a que pertence.

A integração cultural faz da personalidade um modelo, um padrão que é a expressão de uma maneira de viver, de pensar e de ser própria dos membros do grupo. O indivíduo integra os valores culturais do seu grupo e nele se conforma nas suas maneiras de ser e de agir.

### **O aparecimento de homens armados no período de 2017 em Cabo-Delegado.**

Diante deste cenário, cabe ressaltar que com o aparecimento de homens armados em Cabo-Delgado a comunidade muani da Vila do Ibo sentiu-se ameaçada, neste contexto sentiu-se na obrigação de recorrer as práticas antigas que são os rituais *Kulebela* e *Kuzingula*, como uma forma de usar a prática para a protecção da Vila.

Sabe-se que com a modernização a camada juvenil sempre encontrou formas próprias para resolução de certos problemas, os anciãos e sheiks convidaram os jovens a participar desse ritual mas essa camada mostrou-se indisponível acreditando que são práticas antigas e que não iriam contribuir e nem mudar nada dentro daquela comunidade mas, os sheiks e anciãos acreditaram continuaram e fizeram primeiro o ritual *kulebela* que nas palavras de Ibraimo “ *consistiu em apresentar os seus problemas ao criador que é Allah como uma forma de ouvir as preocupações dos seus servos e afastar esses mal na vida dos mesmos*”. Portanto, em seguida recorreu-se ao ritual *kuzingula* que consiste recitar algumas partes do sagrado alcorão para dar protecção a Vila.

Em suma, esses relatam que os insurgentes não atacaram a Vila do Ibo porque eles sempre estiveram pronto para resgatar as suas práticas antigas e coloca-las em prática embora, hoje em dia muitos não acreditam na veracidade dos mesmos.

### **Eclosão da Covid-19 em 2019**

No ano de 2019 com a eclosão da Covid-19, a comunidade muani da Ilha do Ibo sentiu-se ameaçado com a propagação massiva desse vírus, assim, sentiu a necessidade de

recorrer a esses rituais onde os sheiks tiveram que convocar um encontro com a comunidade para a realização da cerimónia *Kuzingula*.

### **3. 5. O Papel da Comunidade Mwani na Consolidação dos Rituais *Kuzingula*, *Kulebela* na Vila de Ibo.**

Entende-se que a sociedade tem um papel cene qua no, na consolidação desses rituais, olhando pela conjuntura actual, percebe-se que há tendência de se abandonar essas práticas devido a várias opiniões sobre os mesmos, com isso, a sociedade deve ser muito persistente no ensinamento aos seus filhos inculcando sobretudo a importância que esses rituais sempre tiveram nessa sociedade, o seu impacto e o quão sempre ajudaram.

Nesta senda de ideia, a Unesco (2011), explica que *makoto*, também designado ruyiye é um ritual que está associado ao lugar sagrado do monte Chinhambudzi e consiste em reunir os dignitários locais, nomeadamente o régulo e os seus colaboradores directos no monte para a realização do sacrifício para o pedido de chuva. Fazem parte dos requisitos para a efectivação do cerimonial animais vivos (cabritos e galinhas), tabaco, bebida de njera e mapira, produtos conseguidos mediante a contribuição da comunidade.

Nessa perspectiva, Lima-Mesquitela, Martinez e Lopes Filho (1991), explicam que a sociedade necessita do jovem para assumir acções no futuro, contudo, é preciso que ele viva o presente. E é ele mesmo quem mostra, de maneira ritualística, uma linguagem que talvez demonstre um caminho a ser seguido por seus mestres no sentido de melhorarem ainda mais a forma de educar.

Dito de outro modo, com a globalização as pessoas se inteiram com facilidade do mundo digital, ai se deparam com várias culturas diferentes, outrora, com muita facilidade assimilam. Entretanto, passam a olhar de que, continuar a praticar os rituais tradicionais são práticas ultrapassadas.

Com isso, a digitação e a politização das ceitas religiosas acabam contribuindo sobremaneira, na extinção de algumas culturas junto de alguns rituais, uma vez que cada grupo passa a defender as ideias de como a sua receita o orienta.

Deal e Kennedy (1982) afirmam que os ritos, os rituais, as cerimónias e os símbolos assumem importantes funções, tais como: comunicar de que maneiras as pessoas devem se comportar e quais os padrões de decoro aceitáveis; chamar a atenção para o modo como os procedimentos são executados; estabelecer a maneira como as pessoas podem se

divertir; liberar tensões e encorajar inovações, aproximando as pessoas, reduzindo conflitos, criando novas visões e valores; guiar o comportamento dos membros da organização através da dramatização dos valores básicos; exhibir e fornecer experiências agradáveis para sempre serem lembradas.

No entanto, pode-se olhar aspectos positivos, porque houve mudança de muita coisa, as pessoas se inteiram do mundo mesmo sem viajar, a tecnologia facilitando as coisas e negativo, as pessoas sempre acreditaram de que, os seus problemas eram resolvidos por meio dos rituais, mas actualmente o que de certa forma coloca em risco daqui há daqui a anos de um abandono total, por parte da actual geração olhando como práticas ultrapassados.

No ano de 2019 com a eclosão da Covid-19, a comunidade muani da Ilha do Ibo sentiu-se ameaçado com a propagação massiva desse vírus, assim, sentiu a necessidade de recorrer a esses rituais onde os sheiks tiveram que convocar um encontro com a comunidade para a realização da cerimónia *Kuzingula*.

Mabasso e Tereucan (2022), no seu artigo sobre *Práticas culturais, perspectiva de género e direitos da criança: um estudo de caso de Moçambique* conclui ressaltando que a cultura, a tradição e os grupos étnicos são determinados pela educação através da interacção social e familiar observação, imitação e estado de pertença, transmissão e continuidade para outras gerações. Ao mesmo tempo, este último serve como expoente principal para as transferências primárias de bases culturais, como rituais, símbolos, linguagem e outros.

Na mesma linha de pensamento José (2016, p. 227), acrescenta que em Moçambique, enquanto país com múltiplas culturas subsistem práticas que carregam ou trazem em si uma gama de mensagens por algumas consideradas discriminatórias e outras como um meio de educação, socialização, como uma ferramenta que molda as raparigas e que determinam os *modus vivendi* da população.

Joachim (2011), no seu estudo sobre a Importância dos rituais nas tradições religiosas explica que que o campo específico da Religião os rituais assumem três aspectos importantes, nomeadamente:

- ✓ **Garantir a sobrevivência e da difusão da tradição religiosa**

A sobrevivência de qualquer tradição religiosa depende da profundidade do conteúdo e uso dos mecanismos para oferecer esse conteúdo. A princípio o conteúdo religioso de uma tradição religiosa se encontra nos mitos, lendas, rituais, pessoa do fundador e na sua doutrina. A importância dos rituais nesse caso é perpetuar a figura do fundador e fazer sua doutrina relevante para os tempos atuais. Os rituais estabelecem uma ponte entre o passado e futuro criando um fio condutor desde os tempos antigos até aos tempos modernos.

✓ **Solucionar os problemas e realizar as curas**

Todas as tradições religiosas possuem um aspecto fundamental que é a apresentação da possibilidade de resolver os problemas e realizar as curas. O melhor exemplo dessa natureza são os movimentos pentecostais que se encontram dentro da tradição cristã. As missas e novenas ritualísticas de cura da tradição católica, os rituais do milagre da Igreja Evangélica do Poder de Deus e oferta de solucionar os problemas familiares, doenças e do desemprego da Igreja Universal Reino de Deus são os exemplos destacados desta natureza. No modo geral a religião apresenta solucionar os problemas de solidão e conflito que são os aspectos inevitáveis da condição humana e os meios ritualísticos utilizados para tal finalidade é a meditação, contemplação, confissão e outros.

✓ **Preservação dos mitos e doutrina da tradição religiosa**

Nos tempos atuais onde a pesquisa científica exige toda explicação para tudo o que existe, a mentalidade religiosa humana busca voltar às fontes originárias. Enquanto a pesquisa científica apresenta o futuro como 'perpétuo' e 'eterno' com seus avanços tecnológicos e medicinais; o campo religioso apresenta a tendência humana que considera o princípio como preservadora dos valores eternos. Para a ciência o futuro é perfeito e para a religião o passado é perfeito. Dentro dessa mentalidade percebe-se que a repetição dos rituais nas tradições religiosas é uma forma de permanecer ligado com o passado que é carregado dos mitos e lendas. Por exemplo, dentro da tradição hinduísta. (Joachim, 2011).



#### 4. Conclusão

O presente trabalho, tinha como objectivo geral compreender a história dos Rituais *Kuzingula* e *Kulebela* na Comunidade Muani na Vila de Ibo no período de 1975 até actualidade, o ritual *kuzingula* é uma prática que consiste não só em fortificar a comunidade, mas também dar segurança e reconhecer a existência do poderoso Allah e pedir que continue zelando aquela comunidade com o bem-estar, segurança por outra o ritual *Kulebela* consiste na escolha de locais considerados sagrados em que a comunidade quando enfrenta algum problema seja ele, geral ou individual recorrem para fazer os seus pedidos naquele local específico a fim de atenuar as suas preocupações.

Para responder objectivos que conduziram a pesquisa, vamos desenvolver o primeiro objectivo específico que propôs-se a compreender o que a comunidade entende sobre a história desses *Rituais Kuzingula, Kulebela* na Vila de Ibo, conclui-se que *Kuzingula* é uma cerimónia tradicional, praticada pela comunidade muani que consiste em chamar toda comunidade da Vila de Ibo e reúnem-se em um determinado local, cuja, o local deve ser ponto de referencia que marca o principio do distrito, alguns sheiks, professores da religião islâmica, vão recitando a oração do sagrado alcorão, pedindo ao criador de tudo e todos, que proporcione mais saúde a comunidade, garantir a segurança e *Kulebela* é uma cerimónia praticada na comunidade muani na vila de Ibo, nesta comunidade essa cerimónia tem as seguintes características nomeadamente: existem locais considerados sagrados em que a comunidade quando enfrenta algum problema seja ele, geral ou individual recorrem para fazer os seus pedidos naquele local específico a fim de atenuar as suas preocupações. Importa referir que dentro deste local sempre existe um responsável para orientar os demais sobre como fazer o pedido.

O segundo objectivo sobre descrever o processo e o impacto da Modernização dos Rituais *Kuzingula, Kulebela* na Vila de Ibo conclui-se que pode-se olhar aspectos positivos, porque houve mudança de muita coisa, as pessoas se inteiram do mundo mesmo sem viajar, a tecnologia facilitando as coisas e negativo, as pessoas sempre acreditaram de que, os seus problemas eram resolvidos por meio dos rituais, mas actualmente o que de certa forma coloca em risco daqui há daqui a anos de um abandono total, por parte da actual geração olhando como práticas ultrapassados.

O último objectivo propôs-se a discutir sobre o Papel da Comunidade na Consolidação dos Rituais *Kuzingula, Kulebela* na Vila de Ibo conclui-se que a sociedade necessita do jovem para assumir acções no futuro, contudo, é preciso que ele viva o presente.

Comunicar de que maneiras as pessoas devem se comportar e quais os padrões de decoro aceitáveis; chamar a atenção para o modo como os procedimentos são executados; estabelecer a maneira como as pessoas podem se divertir; liberar tensões e encorajar inovações.

## **5. Sugestões**

Com esta pesquisa, trazer como sugestões seria tao imperioso, ao Governo tanto quanto a comunidade local no geral.

### **Ao governo**

- ✓ No entanto uma estrutura que representa a comunidade, seria de extrema importância, desenhar uma política que preserve severamente os valores da tradição, tendo sobretudo, um departamento que para além de terem técnicos formados, estejam la também os anciões e alguns representantes locais dos cultos, trabalhando de tal maneira a garantir a resiliência da tradição, para garantir uma colaboração dessas duas partes e um trabalho mutuo, uma vez que, a tradição Africana vem sendo afectada directamente pela modernização trazida pelo ocidente.

### **No que diz respeito a comunidade no geral**

- ✓ Aos anciões que continuem a trabalhar arduamente a fim de continuar a consciencializar a geração actual, a importância de preservar a tradição, uma geração extremamente virtual e facilmente influenciável. Isso, vale também aos pais encarregados de educação, que são um elo de extrema importância na educação dos seus filhos, além de que, essas informações devem ser transmitidas praticando, que seria a melhor forma de deixar ficar esse legado.

## Referências Bibliográficas

### Artigos

Binze, A. D. (2022). *Práticas culturais e escolarização de mulheres em Moçambique: um caminho para ressignificação dos ritos de Iniciação*. Universidade de São Paulo, São Paulo.

Deal, Terrence; Kennedy, Alan. (1982). *Corporate culture: the rites and rituals of corporate life*. Massachusetts: Addison-Wesley.

Fabiane Miriam Furquim (2016). *Repensando a Tradição e a Modernidade em Moçambique: uma abordagem conceitual*. Revista Justiça Popular- Boletim do Ministério da Justiça de Moçambique. Exemplares do 1 ao 13. Disponível em: [http://www.mozambiquehistory.net/justica\\_popular.php](http://www.mozambiquehistory.net/justica_popular.php).

Mabasso, R. A. e Tereucan, J. C. (2022). *Práticas culturais, perspectiva de género e direitos da criança: um estudo de caso de Moçambique*. Revista Latino-americana de Estudios de Família, 14 (1), 181-197. <https://doi.org/10.17151/rlef.2022.14.1.10>

Magodo, Zefanias Jone (2023). *Diversidade cultural moçambicana: um olhar pela identidade da cultura e globalização em Moçambique*. <https://orcid.org/0000-0002-9115-8772>

Mariângela Benine Ramos Silva (s/d). *Ritos, rituais e cerimónias e suas implicações políticas nas organizações contemporâneas*. Universidade Estadual de Londrina - UEL.

### Monografias

Armando, Lourenço, (2023). *As Implicações das Práticas Culturais no Aproveitamento Pedagógico das Raparigas: Estudo de Caso Etnia Mwani na Vila de Ibo, (2021-2023)*. Faculdade de Educação. Universidade Eduardo Mondlane. Maputo.

Talapa, Maria Sara. (2013). *Tradição em Espaço Urbano”: um estudo sobre os Ritos de Iniciação no Contexto da Cidade de Nampula*. Tese (Licenciatura em Sociologia) – FLSC.

## **Dissertação**

Braço, A, D, (2008). *Educação Pelos Ritos de Iniciação: Contribuição da Tradição Cultural ma-sena ao currículo formal das escolas em Moçambique*. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. PUC-SP.

Cossa, M. (2019). *Mundo dos antepassados e o mundo dos vivos - ritual de ukanyi na mediação: um ensaio sobre ancestralidade no Sul de Moçambique*. Revista do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade – UESB. ISSN: 2525-4715 – Ano 2019, Volume 4.

José, Z. (2016). *Das Práticas Culturais à Violência contra as Mulheres em Moçambique*. Mestrando em saúde colectiva. Bolsista do Programa de Pós-Graduação CNPq/Ministério da Ciência e Tecnologia de Moçambique, afecto no Programa de Pós-Graduação em Saúde Colectiva do Centro Biomédico do Instituto de Medicina Social, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

## **Livros**

Carrilho, J. (2005). *Ibo a Casa e o Tempo*. Maputo FAPF/ UEM.

Fernanda Thomaz. (2022). *Casaco que se despe pelas costas: história do Colonialismo, Justiça e Agências Africanas em Moçambique*. Universidade Federal de Juiz de Fora.

Frazer, J. (1982). *O Ramo de Ouro*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara.

Gennep, Arnold van. (1974). *Os Ritos de Passagem*. Petrópolis: Vozes.

Ministério da Administração Estatal. (2005). *Perfil do distrito de Ibo, província de Cabo Delgado*. Edição. Maputo.

Newiti, M. (2017). *Breve Historia de Moçambique*.

Patrícia, R. (2009). *Ritos e rituais vida, Morte e Marcas Corporais: a Importância desses Símbolos para a Sociedade*. Santa Maria, ISSN.

Perreira, Sara. (2007). *Por detrás do Ecrã: Televisão para crianças em Portugal*. Porto. Porto Editora.

Turner, Victor. (1974). *O Processo Ritual: Estrutura e Anti-estrutura*. Petrópolis: Editora Vozes.

## **Relatórios**

João Feijó. (2020). *Assimetrias no acesso ao Estado: um terreno Fértil de penetração do jihadismo Islâmico?* Observador Rural.

Osório, Maria da Conceição. (2008). *Ritos de Iniciação: um debate necessário*. Maputo: WLSA Moçambique.

## **Documentos electrónicos**

Aragón, Miguel et al. (1994). *Epidemiologia da cólera em Moçambique no período de 1973-1992*. *Revista de Saúde Pública*, Maputo. Disponível em: [www.bvsde.paho.org/texcom/colera/MAragon2.pdf](http://www.bvsde.paho.org/texcom/colera/MAragon2.pdf). Acesso em 22 de Maio de 2011.